

Entre Cercas

Alfredo Guarischi

Médico

As fábulas ultrapassam gerações e acompanham a humanidade desde as antigas civilizações. Sua leitura — substituindo-se animais por humanos ou vice-versa, mudando nomes, roupas ou lugares -ajuda na discussão do moral do comportamento humano.

A fábula dos cegos e do elefante é um bom exemplo. Levados por um mestre idoso, seis cegos vão conhecer o elefante. Para isto cada um deles toca em uma de suas partes. O primeiro, ao tocar a parte lateral, diz se tratar de uma parede. O segundo ao tocar a presa, afirma que aquilo é uma lança. Seu colega, com a tromba na mão, exclama que se trata de uma cobra. O outro tem certeza de que está diante de uma árvore, pois era o que sentia ao tocar uma das fortes patas. O outro apalpando as macias orelhas, que abrandavam o calor com seus movimentos, disse se tratar de um grande leque. O sexto ao segurar o rabo afirmou ser uma corda. Uma forte discussão se seguiu, pois cada um acreditava que apenas sua percepção era a certa.

Ao reler esta fábula, enxergo a cegueira a que estamos condenados ao descrever nosso sistema de saúde. Basta substituir cada um destes seis cegos por: um profissional de saúde, um paciente, um governante, um dono de plano de saúde, um dono de hospital ou um dono de indústria.

Elefantes são o símbolo da sabedoria na cultura asiática e famosos por sua memória e inteligência. Estão em ameaça do mesmo modo que a saúde. Alguns nasceram no cativeiro. Escravos. Por outro lado, a saúde sofre com as importações e com os “contrabandos” de novos modelos. Nossas crias vêm sendo “escravizadas”. Os elefantes não conseguem viver mais do que 70 anos. Já o homem, em vários países, vive mais e melhor. Contribui para isto um eficiente sistema de saúde.

Muitos elefantes foram domados e são exibidos em circos ou em zoológicos. As grades e cercas, que os “protegem”, são ultrapassadas pelo fascinado olhar das crianças. Elas desconhecem como seria melhor e mais feliz a vida dos elefantes em liberdade.

Fato semelhante ocorre em nossa saúde. A maioria da população só consegue contato com uma pequena parte, apesar de sua paquidérmica dimensão. Gigantescas grades e cercas econômicas impedem um contato pleno. Estas barreiras são guarnecidas por guerreiros sem uniforme, credo ou ideologia.

Para cumprir sua missão burlam leis e privilegiam desvios de conduta. Dizem que estão preservando o sistema do exagero e da predação. Estipulam qual o contato à frágil saúde, alegando prevenir eventual extinção do sistema. Chamam isto de lei de mercado. A saúde comprada em lojas ou por escambo público. Na verdade, falta clareza nas regras que garantam a subsistência e a liberdade para um sistema e para a saúde de todos.

Se não unirmos nossas percepções, em breve voltaremos a viver menos e, como elefantes, condenados entre cercas, em circos ou em zoológicos. Nesta fábula não existe um mestre